



10 de setembro de 2007

Equipe FACOS: De onde surgiu o interesse pelo jornalismo?

Marcos Rolim: Meu interesse sobre o jornalismo começou, penso eu, na indignação com a censura. Quando comecei a me considerar gente havia uma ditadura no Brasil - é, coisa do século passado, que a maioria de vocês só teve acesso por textos ou documentários. Naquela época era muito difícil ter acesso às informações e duvidávamos de tudo o que líamos nos jornais pois sabíamos que eles estavam sob censura. Furando esse bloqueio, vários jornais da imprensa "alternativa" ocupavam um espaço muito importante. ("Opinião", "Movimento", "Pasquim", "Versus", "Coojornal" eram alguns deles) Eu lia toda essa turma e cheguei mesmo a ser correspondente do "Movimento". Naquela época, ser jornalista exigia muita coragem. Ao mesmo tempo, o exercício do jornalismo submetia os profissionais a provas diárias de dignidade e decência posto que uma simples omissão poderia ser o mesmo que a mais abjeta das conivências. De outra parte, nos cursos de jornalismo era muito comum se encontrar um clima de contestação e uma disposição de enfrentamento à ditadura. Juntando as duas coisas, imaginei que, uma vez na universidade, eu só poderia estar na Faculdade de Comunicação. Deu no que deu.

EF: Que fatos te fazem recordar a FACOS?

MR: Lembro de alguns momentos, especialmente dos mais engraçados. Certa feita, logo no começo do curso, (em 1979, meu Deus!) um determinado professor que nos dava uma matéria tipo "sociologia da comunicação" falava em Durkheim quando eu comecei a questioná-lo. Fui fazendo determinadas perguntas e complicando a vida do cara quando, então, ele interrompeu a aula, espantado, dizendo: "Mas se continuarmos por esse caminho, logo estaremos discutindo a teoria de Karl Marx!" Outra vez, outro professor que nos dava Rádio organizou uma excursão com a turma. Aquela coisa de programa de índio. Teríamos uma "aula prática", segundo ele. Fomos parar em cima de um morro diante de uma antena enorme. O professor, então, apontou para ela e disse: - "Esta é uma antena de Rádio". Foi o que aprendemos aquele dia, fantástico! Lembro dos meus colegas de turma. Alguns tenho encontrado ocasionalmente; outros, nunca mais. Lembro mesmo, nessa época, do movimento estudantil. (É, acreditem, naquela época havia Movimento Estudantil e como!) A gente aprontava muito e ia abrindo espaços na marra. No início dos anos 80, o ME de Santa Maria era o mais forte e organizado do estado. Época de reorganização da UNE e da UEE, época de confrontos de rua com a polícia e de uma salutar confusão. Vivi integralmente aquilo, foi a melhor parte.

EF: A FACOS proporcionou subsídios suficientes para o exercício da profissão?

MR: Não. Na verdade o Curso de Comunicação, à época, tinha muitas limitações. Seja como for, penso que nenhum curso de comunicação prepara suficientemente para a profissão de jornalismo. Um bom curso pode ajudar um monte; pode te ensinar umas regrinhas, pode te mostrar certas técnicas, pode te assegurar intimidade com alguns procedimentos. Um bom jornalista, entretanto, não se faz com coisas do tipo. É preciso outras coisas. Primeiro: é preciso ler muito e gostar de ler. Quem não for um leitor compulsivo e não tiver, de fato, prazer na leitura deve desistir logo, é perda de tempo. Segundo: é preciso desenvolver uma determinada estrutura moral que te impeça de virar um "mané". Poucas profissões como o jornalismo exige tanto de compromisso ético de um profissional. A gente pode até ensinar um cara a escrever, mas nunca irá ensiná-lo a ser jornalista se ele for um canalha. Terceiro: é preciso saber que quando a gente escreve está, de uma forma ou de outra, intervindo no mundo e que, nessa ação, produzimos efeitos benéficos ou maléficos. O jornalista que for escrever pensando em mudar o mundo estará fazendo política e não jornalismo, mas o jornalista que escreve sem pensar nos efeitos que seu texto produz será, apenas, um abobado. Um bom jornalista, então, deve estudar muito o objeto de seu texto; se possível, saber mais sobre ele do que seus entrevistados. Deve, além disso, retratar as principais visões sobre o tema de tal forma que o leitor seja estimulado a pensar sobre ele. Um jornalismo assim é um jornalismo para a liberdade. Em regra - devo assinalar - ele não existe.

EF: De onde surgiu o interesse pela política?

MR: Por certo surgiu com o cristianismo. Pouca gente sabe, mas sou neto de dois pastores das Igrejas Luterana e Metodista e tive uma sólida formação bíblica. Por conta disso, penso, a miséria sempre me pareceu algo insuportável. Por sobre esse sentimento moral, vieram os livros - muitos - e, num certo momento da minha vida, uma pessoa fundamental que foi o "Memo" (Adelmo Genro Filho). Ele me emprestou os melhores livros e discutiu comigo sobre as minhas dúvidas. Mais importante do que isso, ele me ensinou a valorizar o pensamento. Comecei a ler Marx e, sobretudo, Lênin e Trotsky durante minha adolescência. Aos 15 anos já estava em uma organização clandestina em Santa Maria e aos 17, antes de entrar na universidade, já era o responsável por dirigir o trabalho de nosso grupo no Movimento Estudantil Universitário. Política, para mim, começou como sinônimo de "Revolução". De certa maneira, mesmo hoje - 15 anos após minha ruptura com o marxismo - fazer política continua sendo algo revolucionário. O que importa, afinal, é mudar as coisas, revirá-las pelo avesso; a começar por nós mesmos.

EF: Na sua opinião, qual a relação entre jornalismo e política?

MR: Legal a pergunta sobre a relação entre jornalismo e política porque ela pressupõe que estamos falando de coisas distintas. Penso que seja importante reconhecer, primeiro, essa diferença porque já esteve em moda uma determinada abordagem que teimava em dizer que "tudo é política", etc. Por aquele caminho os fenômenos se dissolviam em sua relação com a política o que não explicou nada e ajudou a formar péssimos profissionais em

várias áreas. A política é uma atividade específica pela qual pretendemos reger o mundo. Ela pode ser compreendida, também, como um espaço onde as várias pretensões de regramento (posições políticas) disputam a aceitação das pessoas em sociedade. Jornalismo é o tipo de atividade pela qual se pretende oferecer às pessoas as informações necessárias para que elas se situem no mundo. Ao contrário da pedagogia, entretanto, as informações produzidas jornalisticamente dizem respeito àquilo que está acontecendo ou acabou de acontecer. O jornalismo lida, portanto, com fatos situados no presente. Sua "centralidade ontológica", para usar uma expressão filosófica, é o presente. Começam aí os problemas do jornalismo. Ocorre que o presente é sempre essa transição entre o que já foi e o que será. Para saber o presente, então, é preciso conhecer o que foi e imaginar o que poderá ser. O ato de escrever uma notícia, assim, é antecedido por dois pressupostos invisíveis: a cultura daquele que escreve (o que ele sabe sobre o que já foi) e a sua ideologia (o que ele gostaria que fosse). O ato de escrever é um ato limitado porque é um ato de um sujeito e não de um Deus. O jornalismo, ao contrário do que se costuma dizer, não deve lidar com a verdade. Nesse ponto ele se aproxima da política. A boa política e o bom jornalismo sabem que a idéia da verdade é uma idéia perigosa e que foi com base nela que a humanidade conheceu a experiência totalitária. Por isso, uma e outro devem lidar, sempre, com adversidade, com o respeito às diferenças e com a idéia da provisoriidade.

A política moderna não pode ser praticada sem o recurso aos meios de comunicação social. Para que suas posições ou suas imagens sejam conhecidas ou fortalecidas os sujeitos políticos (partidos, entidades, pessoas, etc.) precisam da mídia e do jornalismo. Em sociedades complexas, não há outra forma de acesso ao grande público. De outra parte, as pessoas só podem saber a respeito dos sujeitos políticos se a mídia lhes oferecer as informações necessárias para um juízo autônomo. Os meios de comunicação social, então, são os principais veículos de realização da política. De fato, eles terminam por conformar uma nova "esfera pública" onde a interação passa a ser uma "quase-interação". Os espaços para manipulação nessa nova esfera pública são enormes. Um sujeito político, por exemplo, pode produzir um "fato jornalístico" apenas para que sua imagem eleitoral seja fortalecida junto ao grande público. Quando esse fato corresponde, efetivamente, aos compromissos do sujeito que o produz estamos diante de um esclarecimento; quando, por outro lado, esse fato encobre os verdadeiros compromissos do sujeito que o produz estamos diante de uma prática de dominação. O uso correto da linguagem exigida por essa nova esfera abre-se, então, para uma dupla possibilidade. Mais essencialmente, ainda, quando o próprio jornalista identifica um "fato jornalístico" - aquilo que merece ser divulgado - está, quer queira ou não, produzindo um "recorte" da realidade e, pelo simples fato de selecionar um fato e não outro, projetando determinados significados em sociedade. Aquilo que é considerado "relevante", afinal, depende, em última instância, da cultura e da ideologia de quem julga. Para concluir, então - antes que isso aqui vire um livro - penso que todo jornalismo produz efeitos políticos e que uma posição política só será eficaz se souber traduzir-se como notícia.

Fechar Janela